

USUÁRIO DA INFORMAÇÃO: estudo aplicado a um grupo de jornalistas

Maria de Jesus Nascimento*
Caroline Sommer**

RESUMO

Estudo de usuário realizado em uma amostra de vinte jornalistas, grupo até então não abordado nos estudos brasileiros de usuário da informação. Objetivou verificar as necessidades, formas de busca e a frequência com que acessam e obtêm informação e assim como utilizam suas novas tecnologias. Foram levadas em consideração as barreiras que enfrentam para suprir suas necessidades de informação como tempo, recursos disponíveis, discurso científico versus discurso jornalístico, o grande volume de informação e o impacto da Internet. Os resultados mostram uma diversidade de opiniões, muitas vezes antagônicas, mas houve unanimidade em apontar que é difícil para o jornalista entender a linguagem científica e traduzi-la em matéria jornalística atrativa para o público leitor de menos conhecimento. Ficou claro também que o impacto das novas tecnologias mudou o comportamento de busca de informação dos jornalistas.

Palavras-chave

ACESSO À INFORMAÇÃO
NECESSIDADE DE INFORMAÇÃO
JORNALISTAS
JORNALISMO CIENTÍFICO

* Doutorado em Ciência da Informação – “Universidad Complutense de Madrid”. Professora do Dep. de Biblioteconomia e Documentação do Centro de Ciências da Educação – CCE. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.
E-mail: jesusnascimento@hotmail.com

** Acadêmica do curso de biblioteconomia - CCE/UDESC. Bolsista do Programa de Iniciação Científica.
E-mail: caroline_sommer@yahoo.com.br

I INTRODUÇÃO

Enquanto a ciência da informação se ocupa tradicionalmente do estudo da informação, propriamente dita, científica ou tecnológica, da gerência da informação e da própria identidade e delimitação de seu campo de estudo, a informação destinada à formação de opinião, segundo Baptista (2001a, p.17),

constitui um objeto de estudo mais característico das áreas de jornalismo e comunicação, especialmente ao se considerar o poder da mídia como agente formador de opinião.

O jornalista não é apenas o profissional que busca informação, mas o que compila e, com base em uma infinidade de fontes, gera novas informações, transforma determinado acontecimento

em notícia e incrementa o volume de informação contribuindo, ao longo prazo, para a formação do leitor e de uma nova audiência de informação jornalística.

Informação, em seu sentido mais amplo, é um termo ambíguo e inúmeras são as definições existentes na literatura. Tomando como base Casado (1996, p.184), adotamos o termo *informação* como entidade física ou fenômeno, conteúdo temático, ou dado factual, determinado empiricamente e sentido em uma fonte documental, transmitido oralmente ou visualmente, através de qualquer meio ou das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC. Portanto, o termo *informação* é utilizado aqui para significar tudo que possa representar um dado, conhecimento ou notícia, além de fonte de informação em seu sentido mais amplo, pessoal ou documental, independentemente do material ou do suporte físico em que está registrado.

Necessidade de informação é a carência de informação que o indivíduo deve suprir para realizar uma atividade profissional, uma pesquisa, tomar uma decisão etc., e segundo Nascimento (2002), varia de indivíduo para indivíduo e de grupo para grupo.

O jornalista é um dos profissionais com maior demanda de informação, pois vive sob a pressão de estar bem informado e saber buscá-la rápida e precisamente para suas atividades laborais. Além disso, precisa, ao mesmo tempo, lidar com uma diversidade de fontes e com as TICs para produzir, em tempo hábil, novas informações.

Os jornalistas são, segundo Nicholas (1997), os usuários que mais demandam informação e usualmente a solicitam no último minuto. E na opinião de Fuentes i Pujol (1995, p. 135), são ao mesmo tempo produtores e receptores de informação, e para difundi-la necessitam tomar conhecimento dela previamente, ou seja, nutrem-se de informação, daí formarem um grupo com características peculiares; todavia, os estudos de usuário da informação, na área de jornalismo, são escassos na literatura internacional, e praticamente inexistentes no âmbito nacional.

A profissionalização do jornalista tem sofrido grandes mudanças nos últimos anos em consequência das tecnologias que vêm alterando os modernos meios de comunicação. Da mesma forma que Gutemberg, quando iniciou sua experiência tipográfica, não fazia idéia de que o jornalismo iria influenciar a interação social e política de forma tão marcante, também não passou pela imaginação de Pieter Van Den Keere, que produziu, em Amsterdã, o primeiro jornal regular do mundo, divulgado em Londres em 1620, o impacto das TICs sobre o mundo globalizado, ou como coloca Thompso (1999), "glocalizado".

O Relatório da Comissão Européia do Fórum da Sociedade da Informação, de 1996, deixa claro que a produção dos meios de comunicação não é, em hipótese alguma, igual a qualquer outro produto industrial; portanto, as regras a serem estabelecidas para a nova Sociedade da Informação devem levar em consideração o impacto tecnológico e cultural das informações em qualquer que seja o meio ou veículo (JORNALISTA, [199-]).

Para Salaverría (2003, p.2), que estuda seu impacto nos meios de comunicação de massa da Europa, a Internet, que antes apresentava

fraquezas e potencialidades, agora tem tido avanços como o "weblog, um meio de comunicação unipessoal, (diário de navegação na Internet), atingindo assim a sua maioridade". Portanto, configura-se como eficiente meio de comunicação, tanto para o público quanto para os jornalistas.

A Internet tem-se firmado cada vez mais no campo de atuação jornalístico devido a vários fatores: a necessidade de agilizar a divulgação de fatos emergentes aliada à facilidade de produção e divulgação on-line; a possibilidade de oferecer diferentes versões da informação; a proliferação do processo de disseminação ou democratização da informação, em âmbito mundial, e também porque permite integrar todos os suportes e conteúdos que se oferecem através dos meios tradicionais já existentes, criando assim uma nova 'audiência' de informação jornalística, o que exige dos meios de comunicação uma nova política de como levantar, reunir, preparar, apresentar e difundir seus produtos no contexto digital.

Nos Estados Unidos, segundo Aumente (1999), os meios de comunicação vêm sofrendo uma série de transformações e estão convertendo-se em companhias integradoras de informação. Essas transformações possibilitam que bibliotecas e companhias do âmbito da indústria da informação encontrem oportunidades para desenvolver alianças e convênios com os meios de comunicação.

Nos países desenvolvidos, os jornais são indubitavelmente bem providos de serviços e sistemas de informação, mas, segundo Nicholas (1997), nem sempre é fácil conseguir a informação que o jornalista requer, e, no que se refere a ter acesso à informação, exclusiva para publicar em primeira mão, eles enfrentam também a concorrência de seus próprios colegas e de outros jornais.

Os jornalistas trabalham sob a pressão de prazos. Muitas informações chegam ao jornal em tempo real, e eles necessitam absorvê-las rapidamente e, inevitavelmente, também devem obtê-las pontualmente. Portanto, gastam muito de seu tempo editando e selecionando as informações que lhe chegam a cada minuto e, com o uso da Internet, a sobrecarga de informação avoluma-se cada vez mais. Para Baptista (2001b), mais do que a escassez, o excesso de informação constitui fator de dificuldade, que por sua vez pode levar o profissional ao estresse.

Segundo Nicholas (1997), os jornalistas têm um grande e insaciável apetite de informação e usam diferentes fontes: TV, rádio, fax, telefone, fontes orais, e-mail, bases de dados on-line etc. Porém, os documentos não publicados e as fontes orais são seus principais problemas, em se tratando de autenticidade e precisão. Por outro lado, as fontes documentais causam grande dificuldade, devido ao tempo que o jornalista dispõe para dedicar à grande quantidade de papel que chega todos os dias. Eles têm de usar a inteligência e julgar se os documentos são pertinentes ou não. No caso de fontes eletrônicas, em particular a Internet, a grande questão é a autoridade dos dados.

No Brasil, para protegê-lo e possibilitar que o jornalista exerça devidamente sua profissão, o *Estatuto do jornalista*, em seu artigo 6º, especifica os direitos fundamentais dos jornalistas quanto a: liberdade de expressão e de criação; liberdade de acesso às fontes de informação; participação na orientação do respectivo órgão de informação etc. E no artigo 8º pode ser verificado o direito de acesso a fontes oficiais de informação. A restrição do acesso às fontes de informação consideradas legais, por parte de alguns órgãos ou entidades, quando não bem fundamentadas, fica sujeito às sanções previstas no Código do Procedimento Administrativo do Jornalista. (ESTATUTO, 1999).

No entanto, muitas vezes a proteção legal não é respeitada, e o acesso às fontes e/ou locais é negado, não apenas impedindo o direito dos jornalistas de exercer a sua atividade profissional, mas, principalmente, privando o público leitor de ser bem informado.

Para Nicholas (1997), como os jornais cobrem muitos assuntos, inevitavelmente exigem que os jornalistas se especializem em determinadas áreas do conhecimento, pois cada tipo de jornalismo tem suas exigências e necessidades de informação peculiares às suas atividades específicas.

As necessidades de informação dos jornalistas diferem de acordo com duas variáveis básicas: as características estruturais do meio de comunicação para o qual trabalha (imprensa, rádio e televisão); e a modalidade de jornalismo em que desenvolvem sua profissão (jornalismo generalista, jornalismo investigativo, jornalismo especializado, jornalismo científico etc.). As atividades de cada tipo de jornalista divergem, tanto no que se refere às necessidades de

informação, quanto às formas de acesso e tipos de fontes utilizadas, fato que reitera a importância dos estudos de usuários da informação por tipo de especialização ou atividade jornalística.

O jornalista generalista, ou, segundo Quesada Pérez (1995, p. 44), jornalista da atualidade, que se ocupa dos fatos recentes que despertam o interesse da maioria, enquadra-se na atividade genérica de um comunicador. Como tal, está capacitado para comunicar eficazmente qualquer âmbito temático através de qualquer meio, para satisfazer as necessidades básicas de informação do público em geral e responder aos básicos "6 Ws", traduzidos em: o que, quem, onde, quando, como, e por quê?

Segundo Quesada Pérez (1995, p. 46-47), o jornalismo especializado surgiu na Europa na década de 70 para possibilitar que os meios de comunicação penetrassem no mundo fechado das especializações científicas com o objetivo de fazer de cada especialização algo comunicável jornalisticamente. Esse tipo de jornalismo resulta da aplicação rigorosa de metodologia de pesquisa jornalística aos múltiplos âmbitos de notícias e está sempre voltada para a tríplice especialização: especialização por tema, por audiência e por meio de comunicação em que se veicula a informação.

O jornalismo de investigação, na opinião de Quesada Pérez, resulta da iniciativa pessoal do jornalista, que produz matérias que atingem vários setores sociais e que algumas pessoas ou instituições tentam manter em segredo. Além desses tipos, a literatura registra outras categorizações de tipos ou formas de atuação do jornalista.

Pereira (2004) se refere ao "jornalista de pé" como aquele que coleta informações diretamente das fontes; e "jornalista sentado" aquele que atua no tratamento (editoração) da informação coletada pelos outros. Ao citar Denis Ruellan (2001), que estabeleceu quatro áreas de atuação dos jornalistas, (fornecedores - serviço de agenciamento de notícias, generalistas, jornalistas de proximidade e especializados), Pereira deixa claro que, no caso da Internet, como espaço de atuação jornalística, essas fronteiras não são bem delimitadas.

O termo *jornalismo* ou *jornalista especializado* pode englobar tanto o jornalismo científico quanto outros campos de atuação do jornalista, como jornalismo desportivo, especializado em artes, cultura ou direcionado a um público específico. E esse profissional pode ser considerado um produtor de informação e formador de opiniões.

O jornalista especializado ou Jornalismo Científico - JC atende a um público mais exigente, que tem acesso a outros meios de comunicação e não se satisfaz apenas com os "6Ws", quer saber com mais profundidade acerca de temas de interesse particular. Esses aprofundam mais o *como* e o *por quê?* na medida em que conhecem bem as fontes documentais e humanas que podem proporcionar informações e opiniões valiosas.

Esse tipo de jornalismo ainda é prática relativamente nova. Nos Estados Unidos, que são o pilar do jornalismo e atuam como modelo para o jornalismo mundial, só entre os anos 70 e 80 é que alguns jornais começaram a criar seções especializadas para as notícias científicas. Segundo Semir (2000), só em 14 de novembro de 1978 é que o jornal americano *New York Times* criou uma seção semanal chamada "*Science Times*".

No Brasil, as primeiras iniciativas em JC datam de 1972, quando a Escola de Comunicação e Artes da USP ministrou um curso de especialização em jornalismo, e em 1991 criou o Núcleo José Reis de Divulgação Científica. E segundo Teixeira (2004); em 2003 a Unicamp e a Fapesp lançaram o livro "Percepção Pública da Ciência".

O jornalismo científico é um instrumento para a democracia, porque facilita a todos o conhecimento para poder opinar sobre os avanços da ciência, e compartilhar com os políticos e cientistas a capacidade de tomar decisões nas graves questões que o desenvolvimento científico e tecnológico nos propõe [...] (CALVO HERNANDO, 2002).

Considerando o jornalismo científico um meio de divulgação científica, que possibilita criar uma consciência pública sobre o valor da ciência, enfoca-se, nesse contexto, a questão do acesso à informação por parte de vinte jornalistas que assinaram matérias, com conteúdo especializado, durante seis meses, nos jornais Diário Catarinense - DC e O Estado - OE.

A escolha dos jornais teve por critério o jornal de maior tiragem e circulação no Estado de Santa Catarina, o DC, e o mais antigo, o OE, ambos com sede em Florianópolis. A delimitação da abrangência geográfica foi em função da proximidade local, por razão de viabilidade prática de execução das entrevistas. O limite de tempo da análise dos jornais foi determinado, *a priori*, por se considerar, empiricamente, que seis meses

bastariam para levantar uma amostra representativa. A delimitação do sujeito fundamenta-se na convicção de que a produção do jornalista especializado é a que requer maior de busca e uso de uma variedade de fontes de informação.

A pesquisa de caráter exploratório com abordagem quantitativa e qualitativa, apresentada em forma de Estudo de Usuário, trata tanto das formas de busca e acesso à informação, quanto do impacto das TICs e dos desafios do fazer jornalismo científico.

Os métodos de estudo de usuário da informação podem ser, segundo Casado (1994, p. 91), de dois tipos: método direto que envolve o usuário, como questionário e entrevista; e método indireto que não envolve o usuário no processo, como a análise das fontes.

Utilizou-se aqui a análise documental, ou seja, dos jornais, com o fim de levantar as matérias temáticas e identificar seus autores, os jornalistas, sujeito deste estudo e para a coleta dos dados da amostra de vinte jornalistas utilizou-se um questionário semi-estruturado aplicado em uma entrevista *in loco*.

Considerando que a informação está sempre direcionada por interesses humanos e é utilizada nos processos produtivos, nas tomadas de decisão, na geração de novos conhecimentos e na formação de opinião, analisam-se as formas de busca e uso da informação de um grupo de jornalistas que atuam em dois jornais catarinenses, entretanto, não se analisa a unidade de informação dos respectivos jornais nem qualquer outra que estes utilizem. A pesquisa enfoca o sujeito como usuário da informação, independentemente do local onde buscam as fontes de informação impressas, ou seja, está em conformidade com o novo paradigma dos estudos de usuário centrado na dimensão humana, no sujeito, consumidor e produtor de informação.

2 RESULTADOS ALCANÇADOS

O Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina - SJCSC, fundado em 18 de novembro de 1953, embora a expedição da Carta Sindical só tenha ocorrido em 13 de maio de 1955, conta, atualmente com 800, ou mais, jornalistas inscritos. (SINDICATO, [20-?]).

Considerando que, se por um lado, o SJCSC conta com um elevado número de inscritos, embora nem todos estejam exercendo

devidamente a profissão, por outro lado, uma grande amostra levaria a se obter resultados muitos dispersos, portanto, consideramos que os resultados que aqui se apresentam se constituem em uma fotografia de um grupo de jornalistas que atuam em dois jornais do estado de Santa Catarina, ambos com sede em Florianópolis.

Dentre os mais de cem jornais editados no Estado e registrados no Cadastro Catarinense de Jornais - CCJ, analisou-se o de maior circulação, o "Diário Catarinense" com uma tiragem média de 60.000 exemplares diários, fundado em 05 de maio de 1986; e o mais antigo, "O Estado", fundado em 13 de maio de 1915 com tiragem de 9.000 exemplares de segunda a sexta-feira, e de 12.000 aos sábados e domingos.

No período, dos seis meses analisados nem todos os exemplares da amostra apresentavam matérias de conteúdo temático assinadas. *A priori* se excluíram os temas referentes a política, religião, esporte, justiça e policiais, por considerá-los polêmicos. O enfoque foi dado para a divulgação de temas que, de certa forma, contribuem para a formação do leitor e acrescentam alguma informação na área de economia, saúde, alimentação, meio ambiente e ciência e tecnologia em geral.

Dos quarenta e quatro jornalistas que assinaram matérias nos jornais analisados, só foi possível aplicar o instrumento de coleta de dados

a apenas vinte, devido à indisponibilidade de tempo dos demais. Cerca de 40% dos jornalistas não puderam atender à entrevista *in loco*; seis responderam o questionário através da Internet e os demais responderam por telefone. Nem todas as questões foram respondidas por todos, principalmente as referentes ao jornalismo científico. Por isso nem todos os dados dos resultados fecham em 100%.

Por outro lado, alguns pontos de vista explicitados nas entrevistas são divergentes. Portanto, o tamanho da amostra e as opiniões não possibilitaram traçar, genericamente, o perfil do grupo de jornalistas como usuários da informação, sendo possível apenas esboçar o perfil dos entrevistados. No entanto, o padrão que emerge dessa panorâmica não deve ser desprezado como amostragem, pois trabalhamos com dados de jornais e jornalistas que gozam de grande expressão no Estado.

2.1 Perfil dos entrevistados

Conforme a Tabela 1, a maioria dos entrevistados (60%) é do sexo masculino, predominantemente em nível de graduação. Apenas 15% dos entrevistados, todos homens, têm especialização, e apenas 5%, que correspondem a uma mulher, no período de aplicação do questionário estava cursando as disciplinas do mestrado como aluna especial.

Tabela 1: Nível de escolaridade dos entrevistados

Escolaridade	Sexo				Total	%
	Masculino	%	Feminino	%		
Graduação	9	75	7	87,5	16	80
Especialização	3	25	-	-	3	15
Mestrado*	-	-	1*	12,5	1	5
Total	12	100	8	100	20	100
%	60		40			

Fonte: Dados da pesquisa

* Mestrado em andamento

Apenas 10 % da amostra, que corresponde a duas jornalistas, tiveram algum tipo de capacitação em jornalismo científico, ambas em disciplinas curriculares na graduação. Esse dado reitera a afirmativa de Calvo Hernando (2002), de que na maioria dos países da América Latina é

notória a "penúria de jornalistas especializados em ciência e tecnologia".

Os entrevistados são bastante jovens, considerando que 45% têm entre 23 e 27 anos e 40% têm entre 28 e 32 anos. Os percentuais da faixa etária se equiparam nos dois sexos, porém as

idades mais elevadas foram de 43 e 46 dos homens e 35 anos das mulheres.

Pode-se afirmar que as mulheres estão em vantagem quanto ao tempo de experiência profissional. Enquanto 37,5% do sexo feminino têm entre um e cinco anos de experiência, 62,5% têm entre seis e dez anos; no sexo masculino tais percentuais são respectivamente de 41,7% e 50%, com o diferencial de 8,3% dos homens (ou 5% do total) que corresponde ao caso de um jornalista com vinte e nove anos de experiência.

As matérias que os entrevistados produzem, além das analisadas na amostra, são muito variadas, vão de menos de dez até sessenta ou oitenta por mês. Em ambos os sexos, a média de produção é de trinta matérias por mês; no entanto, as distorções, ou seja, as menores e maiores produções, foram do sexo masculino.

Quanto ao conhecimento de idiomas, 95% da amostra lêem o inglês, 90% escrevem e falam, e a maioria afirmou que o fazem Bem. Quanto ao espanhol, 70% lêem e 65% escrevem e falam, Bem ou Regular. Os percentuais caem para 30% dos que lêem e falam o italiano Bem e Regular enquanto 25% escrevem Regular e Pouco. Enquanto 20% lêem, falam e escrevem Pouco o francês, apenas um deles fala e escreve Pouco o alemão.

2.2 Formas de busca e acesso às fontes de informação

Analisaram-se as formas de busca e acesso às fontes de informação que os

jornalistas usam para servir de base na elaboração da produção jornalística: artigo, matéria ou reportagem que divulgue algum tipo de conhecimento e contribua para a formação do leitor e possa, de certa forma, ser considerado jornalismo científico, ou “uma espécie de”.

Quanto às horas diárias dedicadas à busca de informação, 25% deles dedicam seis horas, 20% duas horas, 15% três horas, dois grupos de 10% dedicam oito e doze horas respectivamente, e os demais 20% estão distribuídos entre os que dedicam quatro e cinco horas. O jornalista que dedica 12 horas afirmou: “todo o dia, mas poucas horas estão dedicadas ao jornalismo científico”. É surpreendente o fato de se levar quase todo o dia só buscando informação; então, quanto tempo resta para escrever?

A frequência de busca e uso das fontes e serviços de informação pelos entrevistados foi especificada, de acordo com suas respostas, em: Frequentemente (Freq.), Esporadicamente (Esp.) e Nunca.

Quanto à consulta direta às fontes através dos contatos pessoais, conforme Tabela 2, os especialistas foram os mais citados: 55% da amostra costumam consultá-los Freq., 40% o fazem Esp. e apenas 5% Nunca os consultam. Enquanto 60% consultam os pesquisadores Freq., 30% o fazem Esp. e 10% Nunca os consultam. Quanto aos professores, 60% os consultam Freq., 25% Esp. e 15% Nunca. Também foram mencionadas, por 5% da amostra, as fontes governamentais, dirigentes e autoridades.

Tabela 2: Frequência com que costumam buscar informações através de contatos pessoais

Contatos	Frequência						S.R **	Total
	Frequentemente	%	Esporadicamente	%	Nunca	%		
Especialistas	11	55	8	40	1	5	1	20
Pesquisadores	12	60	6	30	2	10	1	20
Professores	12	60	5	25	3	15	1	20
OUTROS*	1	5	-	-	-	-	1	1

Fonte: Dados da pesquisa

* Apenas um jornalista mencionou no item outros: Fontes governamentais, dirigentes e autoridades.

** Sem Resposta. Apenas um jornalista não respondeu este item.

Tabela 3: Frequência com que costuma buscar informações em fontes audiovisuais

Fontes Audiovisuais	Frequência						S.R **	Total
	Freqüentemente		Esporadicamente		Nunca			
TV	15		4		1		20	
Radio	11		8		1		20	
Filmes	4		11		5		20	
DVD	4		7		8		19	
CD	3		9		7		19	
Video	1		12		6		19	
OUTROS*	1		-		-		1	

Fonte: Dados da pesquisa

* No item OUTROS, apenas um jornalista citou Emissora Local.

** Sem Resposta. Apenas um jornalista não respondeu a todos os itens da questão.

Dentre as fontes audiovisuais, conforme Tabela 3, destaca-se a TV usada Freq. pela grande maioria, 75%, enquanto 20 % a usam Esp., 5% Nunca usam esse tipo de fonte. O Rádio é usado Freq. por 55%, Esp. por 40% e 5% Nunca o utilizam. Os Filmes, DVDs e CDs são usados Esp. por 20%, 15%, e 10% deles, respectivamente.

No que diz respeito às fontes documentais impressas, os jornais de outras localidades foram os mais citados; 55% os consultam Freq., 30% Esp. e 15% Nunca os consultam. Em seguida vêm os livros; 45% consultam Freq., 40 % Esp. e 15% Nunca. As demais fontes são mais consultadas Esp., 70% citaram as teses, 65% as revistas científicas, 55% os boletins técnicos e 50% os relatórios e jornais internacionais, (este último também é consultado Freq. por 15%), e 45% da amostra consultam as publicações de resumo.

Quanto ao local onde costumam buscar tais fontes, as respostas foram muito variadas, destacando-se a Internet como a mais citada, seguida de: bibliotecas, acervo do próprio jornal, outros jornais, arquivos, assessoria de imprensa, universidades (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC), institutos de pesquisa (Departamento de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos - DIEESE e Instituto Brasileiro de Informação em Geografia e Estatística - IBGE), em consultórios, viagens, direto com os autores, livrarias, feiras literárias, eventos e "caminhando pela cidade",

Para localizar as fontes documentais, 70% consideram que seria necessário a ajuda de um profissional da informação (bibliotecário, documentalista e outros), dos quais um frisou uma

condicional: "se eu tivesse tempo", 15% consideraram indispensável e 15%, afirmaram ser pouco necessário. Observa-se que profissional da informação, para alguns entrevistados, está relacionado ao profissional da comunicação, assessoria de imprensa etc.

No que diz respeito às fontes estrangeiras, constatou-se que 25% da amostra costumam consultá-las e todos estes usam fontes em inglês, três deles também o fazem em espanhol, e apenas um também consulta fontes em francês e italiano, ou seja, é praticamente um poliglota. Eles costumam buscar tais publicações através do *Google*, *New York Times*, *Reuters*, *Associated Press*, *Neblion*, *La insignia*, *Altavista*, agências de notícias internacionais e diversos *sites* de informações e notícias.

Os meios ou serviços que todos utilizam mais Freq. para buscar informação são o telefone e a rede mundial de computadores (*www*), e a maioria, quase absoluta, 90% usam o e-mail. Enquanto 5% usam Esp. os outros 5% correspondem a um jornalista que afirmou Nunca usar o e-mail. Mais da metade, 60%, usam Freq. as agências de informação, 25% usam Esp. e 15% não as usam Nunca. As bases de dados são usadas Freq. por 45%, Esp. por 25%, Nunca por 15%, e 15% não responderam. Os arquivos, institutos de pesquisa, universidades e fax são mais usados Esp. por mais da metade da amostra. A biblioteca virtual e a local são utilizadas Esp. por 75% e 60% respectivamente.

Das agências de informação utilizadas, as mais citadas foram *Reuters*, *Estado Associated Press* - AP, *Finance Press* e *Folha* seguidas da *British Broadcasting Corporation* - BBC, Agência Brasil,

Church Communication Network - CCN, Folha Press, Globo e Radiobrás. Foi citada também uma diversidade de instituições de pesquisa e universidades, destacando-se a UFSC como a mais citada. Observa-se que algumas fontes, serviços e/ou meios onde buscam informação foram mencionados como se fossem sinônimos.

Quanto à última vez que precisaram buscar informação técnica ou científica relacionada à atividade jornalística, as repostas foram muito variadas: hoje, ontem, há duas semanas, há alguns meses, há seis meses, aproximadamente há um ano, e algumas foram vagas, do tipo “na minha matéria anual”, “na época da universidade”, “não me recordo” etc. Tais afirmativas demonstram que poucos estão envolvidos com o jornalismo científico.

2.3 Desafios do fazer jornalismo

Tendo em vista o importante papel que pode o jornalista desempenhar na alfabetização científica da população, e considerando algumas dificuldades apontadas como um desafio para fazer o jornalismo, em especial o jornalismo científico, os entrevistados expressaram suas opiniões no que diz respeito às seguintes variáveis:

Tempo - Enquanto alguns consideram que o principal problema que o jornalista enfrenta é o “imediatismo”, e que se houvesse mais tempo se poderia fazer uma análise de todas as informações, o que possibilitaria superar muitas dificuldades, outros consideram que o fator tempo não é problema e sim “um desafio que faz parte da vida do jornalista”, pois “se houvesse maior disponibilidade de tempo o jornalismo se tornaria monótono”. “Tempo há, o que falta é uma cultura para manter aceso o interesse pelo estudo científico”.

Independentemente dessas afirmativas, é óbvio que o tempo de que um pesquisador dispõe para preparar um artigo científico difere, consideravelmente, do tempo de um jornalista que trabalha sob pressão diária para preparar uma reportagem científica de impacto imediato.

Volume de informação - Para alguns jornalistas, o volume de informações não chega a ser um desafio. Um dos entrevistados afirmou que “há critérios para filtrar o excesso que não chega a ser um problema, mas uma ferramenta, e é nessa hora que entra o trabalho de um especialista para nos auxiliar a esclarecer as dúvidas”. “O jornalista

tem que saber separar o que é importante e essencial para a matéria e o que mais poderá agradar os leitores”, ele “deve ter um *feeling*”.

Outros consideram que é uma tarefa difícil repassar informações para o leitor, o que “se torna quase um drama”, porque é uma área na qual o brasileiro, além de leigo, “prefere esporte ou política”. O desafio é selecionar o que é importante e “saber o que o leitor quer ler, pois pode acontecer de um assunto importante não ter o destaque merecido”. Cerca de 10% apontaram como dificuldade e “perda de tempo”, ter de “ler muitas informações para filtrar o que realmente é relevante”. As respostas apontam as dificuldades que alguns jornalistas, por não serem especialistas em nenhuma área científica, têm em transmitir informação com conhecimento para o público leigo.

Publicidade - Enquanto uns consideram que a publicidade “é administrável” e que “a publicidade não existe sem o jornalismo e o jornalismo não sobrevive sem a publicidade”, criando assim uma “relação de dependência muito grande e que não deve ser quebrada”, outros afirmam que “Jornalismo e publicidade não é positivo para o trabalho do repórte e nem para o veículo”. “Mas há casos em que as novidades tecnológicas e científicas geram pautas de interesse jornalístico, mesmo contendo publicidade”. “Nesse caso, cabe ao jornalista mostrar todas as facetas que a publicidade esconde e denunciar a manipulação e omissão de informação” em favor de um “provável cartel”.

As pesquisas nas universidades sempre geram boas matérias pelas novidades que o assunto representa e certamente “estão mais livres de publicidade”. Um deles citou a teoria de Eugenio Bucci, que “fala da separação da redação e do setor comercial, chamado de Estado - Igreja” e ponderou: “considero perfeita, mas infelizmente não ocorre na prática”.

Acesso às fontes - A maioria não encontra dificuldade em ter acesso às fontes, pois eles afirmaram que normalmente as fontes estão vinculadas à universidade, e quando estão desenvolvendo algum trabalho de pesquisa, professores e pesquisadores “gostam de divulgá-lo, e promover-se” e “se o acesso é negado é porque há algo de errado”. Para alguns, raramente há dificuldade, e quando isso acontece é por “incompatibilidade de horários” ou, em alguns casos, por “falta de confiança no veículo”.

Para os jornalistas da Associação de Jornalismo Científico, tal dificuldade não existe, esta é a opinião de um deles que participa da AJC. No entanto, a maioria apontou como entrave ao acesso às fontes a dificuldade de entendimento da linguagem usada no meio científico, enquanto alguns afirmaram também que a empresa é muito fechada; e concluíram que os mais difíceis de acessar são os processos judiciais e os arquivos públicos.

Embora “a maioria das pesquisas esteja disponível na *web*, mas nem sempre é disponibilizada a documentação original para comprovação da veracidade das informações”, aí a solução é recorrer a outras fontes, pois “algumas publicações são mais raras que determinados animais extintos”.

Atualidade das fontes - Enquanto uns não responderam ou não encontram dificuldade, outros afirmaram ter dificuldade em “obter dados estatísticos”, pois algumas fontes não se mantêm atualizadas, inclusive “informações da Internet muitas vezes deixam dúvidas quanto à atualização dos dados”, então a “atenção tem de prevalecer nessa hora para não divulgar matéria já feita em outro veículo”. Por isto o jornalista deve estar constantemente atualizado e buscando novas fontes, mas nem sempre isto acontece, “infelizmente a imprensa se vicia em algumas fontes”.

Credibilidade das fontes - Na área de JC, ao contrário da política, as fontes são confiáveis, mas na opinião de um dos entrevistados “é preciso abordar o máximo de fontes de reconhecida presença na área, (no mínimo três), observar várias opiniões e sempre avaliar sua credibilidade e checar os dados”. Para outros é imprescindível checar a credibilidade seja de uma fonte considerada confiável ou não. “Uma fonte sem credibilidade não pode ser considerada uma fonte, portanto não se utiliza”.

Mesmo considerando fontes confiáveis é bom observar as colocações de Bueno (2005, p 3) de que “Toda fonte é, em princípio, uma fonte comprometida [...]”, Embora muitos jornalistas ignorem a relação “promíscua” que existe entre ciência e poder ou mesmo ciência e capital, é imprescindível que o jornalista fique atento, pois não há fontes neutras. E o próprio Bueno pontifica: “Na prática, do ponto de vista dos compromissos e interesses, as diferenças entre pesquisadores, parlamentares ou empresários não são tão significativas”.

Controle e sigilo da informação científica

- A prática de publicar os resultados das pesquisas em primeira instância e com exclusividade, nas revistas científicas, é considerada pelos jornalistas como um procedimento normal, e até consideram que isso pode ajudar a dar base ao trabalho jornalístico e aos veículos de comunicação. Alguns receiam divulgar informações sobre pesquisas em andamento, preferindo noticiar e citar a revista que já tenha publicado os resultados da pesquisa. Quando é necessário, primam pelo respeito ao sigilo, tanto das fontes quanto da informação, pois “sigilo e ética são importantíssimos, um vacilo pode significar portas fechadas no futuro”.

O ideal seria que as informações geradas no mundo acadêmico, advindas de pesquisas, fossem disponibilizadas aos jornalistas, para que estes pudessem realizar democraticamente o processo de divulgação e socialização da informação; no entanto, 15% da amostra declararam que não é isto que ocorre. Na opinião de 35% deles, estas são disponibilizadas com muita dificuldade, 30% afirmam que são disponibilizadas apenas fragmentos, e ao contrário, 15% afirmam que estas são devidamente disponibilizadas.

Os pontos de maior destaque apontados pela maioria dos entrevistados referem-se à dificuldade de comunicação entre as duas partes, produtores de pesquisas e imprensa. Se por um lado, muitas vezes não há interesse do próprio jornal em divulgar determinadas matérias, por outro lado muitos acadêmicos vivem nos seus “mundinhos”, enquanto as informações não saem da universidade e muito menos chegam aos ouvidos dos jornalistas, que ainda são vistos como “perigosos” ou “responsáveis pela distorção de informações”. “As teses ficam escondidas nas universidades. Como adivinhar o que é interessante e mereça publicação?”

“As informações são mais disponibilizadas por interesse de assessores de imprensa. São esses profissionais do jornalismo que primeiro fazem a triagem e ditam o que vai ser ou não notícia”. Essas afirmativas contradizem as anteriores de que as “fontes vinculadas à universidade são mais acessíveis”, e reiteram as afirmativas dos jornalistas estudados por Matozzo; Camargo e Lage (2004) de que “as fontes não gostam de falar com jornalistas”.

Linguagem - À exceção de três jornalistas que não responderam este item, os demais, como já apontado anteriormente por alguns, foram

unânicos em colocar que a grande dificuldade que enfrentam é a diferença entre o discurso jornalístico e o discurso científico. “Os cientistas dificilmente transmitem suas idéias adequadamente para ser transmitida ao público leitor”. “Eles não sabem usar uma linguagem coloquial”. Usam muitos termos técnicos e jargões difíceis de serem entendidos pelo jornalista, leigo no assunto, e que precisa “traduzir” os conceitos de um tema complexo para se fazer entender, sem desvirtuar a informação, nem deixar o leitor confuso. “O jornalista precisa saber escrever corretamente e utilizar uma linguagem clara, simples e prática, mas o grande desafio é transformar números em texto”.

“São raros os jornais que destinam espaço para o jornalismo científico. Tudo que for científico demais, na interpretação de alguns profissionais não serve para uma população que mal lê e pouco interpreta”. Essa afirmativa reitera as colocações de Leite (2001) sobre os níveis de desafios enfrentados pela divulgação científica, fundamentada em três patamares da ignorância pública: ignorância de base (necessário esclarecer conceitos básicos); ignorância sobre o que está acontecendo (necessário cobrir jornalisticamente e noticiar com destaque somente o que é importante); ignorância das implicações (deve se investigar e expor as conseqüências éticas, jurídicas, políticas e sociais).

2.4 Discurso jornalístico, colaboração profissional e serviços de informação/biblioteca

Sobre a falta de acesso às fontes levar o jornalista a produzir um discurso sensacionalista e tendencioso, considerado como desinformação ou “contra-informação”, apenas 25% da amostra concorda com tal afirmativa; 70% não concordam, alegando, entre outras razões, que “embora, em alguns casos isto aconteça, esta não é a política de um profissional que privilegia a ética”. “Acredito que o sensacionalismo seja inerente à forma de abordar a notícia de um determinado veículo de comunicação e não do jornalista que escreve a matéria”. “O jornal é sensacionalista, não o jornalista”.

Lucas (2003, p. 7) afirma que “[...] tanto no discurso jornalístico como no discurso científico, o indivíduo se constitui em agente de práticas sociais [...]”, mas a linguagem se constitui em um

problema maior para os jornalistas que são obrigados a criar cabeçalhos chamativos e divulgar informações que atraiam o público e vendam bem.

Mesmo nos renomados jornais, de acordo com Semir (2000), é perceptível a “dramatização”, o que não deve ser confundido com “sensacionalismo vulgar”. Aí está o desafio do jornalismo científico, em cuja atuação o repórter deve ser um “tradutor” e converter informação oriunda de fonte especializada em linguagem que possa atrair e ser entendida por uma audiência que “mal lê e pouco interpreta”.

Apesar de o discurso jornalístico diferir do discurso científico, 70% dos entrevistados concordam que citar as fontes de informação mais explicitamente aumentaria a credibilidade da matéria e livraria o jornalista da responsabilidade da divulgação de informações questionáveis. No entanto, 15% discordam, pois consideram que o “jornalista deve expor, não julgar” e que ele é apenas um “relator dos conhecimentos trazidos pelas fontes”.

Quando se apresenta uma fonte se credita toda informação a ela, mas “isto não quer dizer que o jornalista não tenha responsabilidade pelo que foi transcrito, até porque a pesquisa da matéria e a escolha das fontes são do jornalista, portanto, ele não se livra de responsabilidade por colocar todas as fontes claramente em sua matéria”.

Ao contrário do jornalismo noticioso, em que mais importa “dizer primeiro do que dizer melhor”, o jornalismo científico deve contextualizar, primar pela qualidade da informação e, como formador de opinião, deve ter um espírito crítico e reflexivo. Nesse caso, 80% dos entrevistados concordam que seria útil a colaboração de um profissional para ajudar a localizar e filtrar as fontes de informação que sevem de base para sua matéria.

Os que concordam justificam que assim sobriaria mais tempo para o jornalista preocupar-se com a qualidade do texto; porém, percebe-se que eles entendem por “ajuda de um profissional de informação” as assessorias de imprensa e os próprios profissionais da comunicação e não os bibliotecários, documentalistas e outros.

Alguns foram bem categóricos em afirmar que toda informação deve ser de qualidade, independentemente do tipo de jornalismo, e que não há diferença entre jornalismo noticioso e jornalismo científico. No entanto, um considera que o “jornalismo científico é um mundo

misterioso para a maioria dos jornalistas". Enquanto 10% se omitiram de responder por "não viver esta realidade", os outros 10% discordam por considerar que "buscar as fontes faz parte do trabalho de qualquer jornalista" e o "dizer melhor vem na frente do dizer na frente".

Para 80% dos entrevistados, um trabalho multidisciplinar melhoraria o nível do jornalismo científico, pois acreditam no trabalho realizado por uma equipe de jornalistas, pesquisadores/cientistas e profissionais da informação (bibliotecários, documentalistas e outros) e educadores, em que cada um colaborasse, respectivamente, com o discurso jornalístico, com os resultados das pesquisas, com a organização e a recuperação da informação e com o enfoque pedagógico do conhecimento. No mais, 15% se omitiram e 5% consideram que algumas dessas parcerias podem atravancar o processo de divulgação. "Em revista e no planejamento editorial ajudariam, mas no dia-a-dia é difícil trabalhar dessa forma".

Apesar de concordarem com uma equipe multidisciplinar e aventarem a possibilidade de ser criada uma "Central de assuntos ligados ao jornalismo científico, como uma agência de informação científica", percebe-se a preocupação de que não aconteça uma "invasão profissional". Como o "jornalista não é especialista em nenhuma área de conhecimento que não a de comunicação", é bom que haja uma troca de experiências, mas "a notícia continua sendo analisada, em primeira instância, pelo jornalista".

Levando em consideração a biblioteca sem fronteira no contexto da sociedade da informação, na qual o novo paradigma da biblioteca objetiva proporcionar o acesso a qualquer tipo de informação, a qualquer momento e em qualquer lugar, atendendo demandas peculiares e pontuais e garantindo o acesso à informação de qualidade, foi questionado qual a importância da biblioteca para o fazer jornalismo?

A maioria respondeu que a biblioteca é fundamental, já que se trata de "importante unidade organizadora de informação", principalmente para o jornalismo científico, mas "nas redações elas não são muito utilizadas, eventualmente os profissionais a procuram (infelizmente)". Para alguns "É fundamental, mas falta a biblioteca também divulgar entre a imprensa esse novo paradigma, ou seja, de que forma pode ser útil para a mídia". Dois jornalistas

se posicionaram contra, justificando que "com o tempo curto e o advento da Internet, a biblioteca tem muito pouca importância", e que "nos corredores das bibliotecas já não circulam mais jornalistas, a não ser um ou outro saudosista. A Internet oferece tudo (e ao mesmo tempo nada) ao mover de uma mão".

Quanto à possibilidade de ser disponibilizado um Serviço de Disseminação Seletiva da Informação para garantir o acesso à informação atualizada e relevante para o trabalho do jornalista, 80% afirmaram que gostariam de receber um serviço dessa natureza e argumentaram que "todo artifício que melhore a quantidade e a qualidade da informação é benéfica para o profissional", pois agilizaria e otimizaria o trabalho, e assim o jornalista ganharia tempo e também uma fonte segura. Enquanto 10% não se posicionaram, os outros 10% disseram que não, inclusive um deles afirmou que não sabe o que é esse serviço e, além do mais, "prefere ele mesmo selecionar o que é relevante para o seu trabalho".

Percebe-se que alguns dos entrevistados desconhecem as potencialidades de um serviço de informação, a exemplo dos existentes no exterior, "EurekAlert", "Science Online" e "Press Nature" que, segundo Leite (2001), vêm atuando com sucesso.

2.5 Impacto das novas tecnologias da informação e comunicação - TICS

Quanto ao impacto que as TICs, em particular a Internet, causaram na busca de informações e no fazer jornalismo, todos foram unânimes em apontar a facilidade e a rapidez de acesso à informação que esse meio proporciona. Enquanto a maioria apontou que a utiliza para tirar dúvidas, alguns, tendo em vista a possibilidade da existência de "sites com informação de credibilidade", consideram que esta pode agilizar e enriquecer as matérias, além de facilitar a checagem, a proximidade e a troca de informação. Alguns a consideram um "instrumento revolucionário", e, assim como o celular, "a invenção do século", trouxe vantagens, mas os "jornais continuam fortes e não deixam de existir, estão se adaptando à concorrência da Internet".

No entanto, outros afirmaram que "tudo ficou mais rápido, o que não significa qualidade". "É preciso, porém, checar as informações, como em todos casos". De certa forma, a Internet contribuiu para "disseminar o imediatismo" na

divulgação da informação, o que muitas vezes pode torná-la “maléfica”.

Um deles afirmou que a Internet é “uma bomba no mercado de trabalho, e a princípio não sei se esse deslumbramento vai dar em trabalho e dignidade para tantos profissionais da área”. Outro a considera como uma verdadeira “Revolução no jornalismo. Trocaram o conteúdo das matérias pelo volume de informação e agilidade. Não sei para onde o jornalismo irá migrar”. “Dizem que a TV é o jornal de analfabetos, e a Internet é o jornal do preguiçoso”. “Para onde irão as publicações impressas? Certamente irão permanecer vivas para explicar e aprofundar o que as novas tecnologias ainda não são capazes de fazer”.

Apesar de opiniões antagônicas e algumas críticas contra a Internet, pode-se afirmar que no jornalismo, assim como em outras áreas, ela tem sido o meio mais utilizado, tanto para captar quanto para divulgar informação, mesmo considerando que, segundo Nascimento (2004), esse meio permite rápida e democraticamente disponibilizar e acessar, a todos que a conectam, uma gama de informações, porém de forma não sistematizada.

É perceptível a olho nu a necessidade e importância da criação de serviços de informação, direcionados e/ou restritos ao jornalismo científico, assim como incrementar o potencial de uso dos já existentes, entre eles, como citou Juberg [200-], “Quem é Quem em jornalismo científico”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem metodológica adotada enfocando o ser humano como parte do processo e não como mero objeto de estudo, permitiu, através das entrevistas, não apenas identificar as necessidades, forma de busca e uso, mas os propósitos e finalidades das informações que esses seres pensantes, jornalistas especializados ou não, utilizam, elaboram e reelaboram constantemente em um contexto noticioso, como formador de opiniões ou no âmbito do jornalismo científico.

Na realidade os jornais “Diário Catarinense” e “O Estado” não praticam Jornalismo Científico propriamente dito, mas apresentam uma série de pequenas matérias assinadas, notícias ou release sobre temas especializados, que consideramos uma espécie de JC.

Os autores de tais matérias são profissionais jovens, experientes, produtivos e conhecedores de idiomas estrangeiros, mas sem nenhuma especialização em jornalismo científico; e na realidade não o praticam. Como já era esperado, a predominância recai sobre o idioma inglês, por sua incontestável universalidade, seguida pelo espanhol, ratificando sua importância para as comunicações no Mercosul.

O domínio de idiomas estrangeiros é um dos fatores que condicionam o sucesso da busca e obtenção da informação. Enquanto a maioria dos estudos de usuários aponta as barreiras lingüísticas como fator de entrave ao acesso à informação, para os jornalistas a barreira não é lingüística, mas de linguagem, isto é, a dificuldade de entendimento do discurso científico e a necessidade de traduzi-lo para uma linguagem acessível ao público leitor leigo, sob a pressão para decidir que inovação desperta maior interesse e vende mais no pouco tempo disponível para produzir.

Apesar de constatadas algumas divergências de opiniões dos entrevistados, pode-se inferir que esses profissionais enfrentam desafios peculiares, inerentes ao fazer jornalismo, no tocante ao acesso às fontes, tanto documentais quanto pessoais, principalmente por falta de tempo e de comunicação entre acadêmicos e jornalistas. Observa-se que nenhum deles apontou as questões referentes às pseudociências como desafio para fazer jornalismo científico.

Ficou evidente que as dificuldades apontadas pelo grupo de jornalistas são, em grande parte, da ordem das carências referentes à atuação da universidade, para suprir sua formação acadêmica, oferecendo disciplinas em seus currículos ou especializações em jornalismo científico; da ordem da abertura de portas com mais receptividade para os meios de comunicação, no sentido de serem criados novos mecanismos de comunicação entre o mundo científico e o jornalístico, (facilitando tanto o acesso a release sobre resultados de pesquisas já enviadas para as publicações científica, quanto disponibilizando as teses, colaborando, assim, com a divulgação do jornalismo científico); da inexistência de um trabalho de marketing acerca das possibilidades que a biblioteca e os profissionais da área de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação podem oferecer; e, finalmente a necessidade de incentivar e impulsionar os órgãos

competentes para a criação de um Sistema Nacional de Informação em JC.

A globalização, as TICs, em particular a Internet e o telefone celular, e indubitavelmente o grande volume de informações existentes, são fatores inerentes ao fazer jornalismo, em especial ao jornalismo científico. Elas causam impacto nas formas de busca e uso de fontes de informação, pois exigem que os profissionais não só estejam atentos a uma realidade cada vez mais complexa por razões tecnológicas, científicas, políticas ou sociais, mas também se esforcem para acessar determinadas fontes ou meios, considerando que são consumidores e prolíferos produtores de informação.

Espera-se também que alguns profissionais se entrossem mais com a realidade do mundo atual,

desmistifiquem o jornalismo científico, não se inibam diante de eventuais dificuldades de acesso a determinadas fontes e não vejam a Internet nem outros profissionais da informação como concorrentes, mas como aliados.

Acredita-se que o presente estudo possa apontar caminhos para o debate em torno da divulgação científica e, de certa forma, contribua para a consolidação da divulgação científica na educação dos leigos que vivem à margem do meio acadêmico-científico.

Sugere-se que estudos desta natureza sejam aplicados a outras amostragens, para que se possa, com maior precisão, traçar o perfil do grupo de usuários de informação em jornalismo científico.

INFORMATION USERS: an applied study to journalists

ABSTRACT

This is a users study carried out with twenty newspaper journalists, who had never been studied yet in Brazil. The purpose of this study is to identify how, depending on their informational needs, these journalists use the new technology searching tools and how often. Some variables such as the journalists' difficulties for getting information in a short period of time, available resources, the changing of a scientific language into a journalistic one the great amount of, information and the Internet impact were taken into account. The results pointed out to a wide diversity of opinions, sometimes contradictory, however, there is a consensus thought among the journalists, which was related to the difficulty of understanding the scientific language and subsequently translate to an attractive subject to almost illiterate newspaper readers. The study also revealed that the impact of the new technologies is changing the journalists' way of seeking information.

Keywords

INFORMATION ACCESS
INFORMATION NEEDS
JOURNALISTS
SCIENTIFIC JOURNALISMS

Artigo recebido em 18.06.2006 e aceito para publicação em 18.09.2006

REFERÊNCIAS

AUMENTE, Jerome. Bibliotecas, periodismo y Masa Media en la era digital de Internet: retos y transformaciones. Trad. do original em inglês para o espanhol por Rosário Arquero Avilés. *Documentación de las Ciencias de la información*, Madrid, n. 22, p. 61-74, 1999.

BAPTISTA, Dulce Maria. A busca da informação por parte de entidades representativas. *Ci. Inf.*, Brasília, DF, v. 30, n.2, p.16-19, maio/ago. 2001a.

BAPTISTA, Dulce Maria. Informação voltada à formação de opinião: uma revisão de literatura. *Inf.&Soc.:estudos*. João Pessoa, v.11, n.2, p.36-62, 2001b

BUENO, Wilson da Costa. *O Jornalismo e o compromisso das fontes*. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/artigowilbuenojcfontes.htm>> Acesso em: 16 maio 2005.

BUENO, Wilson da Costa. *Ciência e opinião*. A presença da Ciência e da Tecnologia nas páginas de opinião dos jornais brasileiros. In: WORKSHOP

- DE COMUNICAÇÃO, 2. 2001, São Paulo. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/pesquisacienciaopiniao.htm>> Acesso em: 28 set. 2004.
- CALVO HERENANDO, Manuel. La divulgación científica y los desafíos del nuevo siglo. Conferência proferida no CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA. São Paulo: ABRADIC - Associação Brasileira de Divulgação Científica. 2002. Disponível em: <www.jornalismocientifico.com.br> Acesso em: 16 maio 2005.
- CASADO, Elías Sanz. *Manual de estudios de usuarios*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez. 1994, 279 p.
- _____. Necesidades informativas y estudio de usuario. In: López Yepez (coordinador.) *Manual de Información y Documentación*. Madrid: Ediciones Pirámide, 1996, cap.9, p. 183-199, 541 p.
- ESTATUTO do jornalista. *Portal dos jornalistas*. Jan. 1999. Disponível em: <www.jornalistas.com> acesso em: 25 mar. 2004.
- FUENTES I PUJOL, Maria Eulália (editora). *Manual de Documentación periodística*. Madrid: Editorial Síntesis, 1995, cap. 7, p. 135-145, 230 p.
- JORNALISMO Científico. [199-]. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm>> Acesso em: 8 ago. 2004
- JORNALISTA e o Direito de Autor. [199-]. Disponível em: <www.autor.org.br/jonal/artigos/cartilha.html> Acesso em: 29 abr. 2004.
- JUBERG, C. *A construção de um ambiente na internet de educação a distância em jornalismo científico*. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/casescaludiajuberg.html>. Acesso em: 5 abr. 2005.
- LEITE, Marcelo. *A contribuição do jornalismo científico ao desenvolvimento científico brasileiro*. In: CONFERENCIA Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília. 20 de set. de 2001. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br>>. Acesso em: 5 abr. 2005.
- LÓPEZ YEPEZ, Alfonso. *Documentación Multimedia: el tratamiento automatizado de la información periodística, audiovisual y publicitaria*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia, 1993, p.149, 178 p.
- LUCAS, Clarinda R. Discurso científico e discurso jornalístico. *Info. & Soc.:est.*, João Pessoa. v. 13, n. 1, 2003. Disponível em <www.informacaoesociedade.ufpb.br> Acesso em: 05 dez.2003.
- MATTOZO, Vânia; CAMARGO, C.C de B.; LAGE, N..L. Jornalismo científico aplicado à área de energia no contexto do desenvolvimento sustentável. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 33, n.1, 2004. Disponível em: <www.ibict.br/cienciainformacao> Acesso em: 10 ago. 2004
- NASCIMENTO, Maria de Jesus; SILVA, Paula S. Informação: insumo básico para o desenvolvimento do setor de turismo em Santa Catarina. *Perspect. Cienc. Inf.*, Belo Horizonte, v. 9, n.1. p. 88-99, 2004.
- NASCIMENTO, Maria de Jesus; WESCHENFELDE, Sara. Necessidade de informação dos vereadores de Florianópolis: estudo de usuário. *Inf. & Soc.: est.*, João Pessoa, v.12, n, 1, p. 252-289, 2002.
- NICHOLAS, David; MARIN, Helen. Assessing information needs: a case study of journalists. *Aslib Proceedings*, v. 49, n.2, p. 43-52. fev. 1997.
- PIERRE, Francisco Eduardo Ponte. A hegemonia do modelo objetivo e a formação do jornalista. *Comum. Inf.* Goiana, v.2, n.1, p.11-27, jan./jun. 1999.
- PEREIRA, Fábio Henrique. O 'Jornalista sentado' e a produção da notícia on-line no correio web. *Em Questão*. Porto Alegre, v.10, n. 1, p. 95-108, jan./jun. 2004.
- QUESADA PÉREZ Monstserrat Quesada. Necesidades documentales de la profesión de periodista. In: FUENTES I PUJOL, M. Eulália. *Manual de documentación periodística*. Madrid: Editorial Síntesis, 1995, cap. 2, p.43-52, 230 p.
- RUELLAN, Denis. À l' Entrée dans la profesión. In: _____. VVA. *Devenir journalistes: sociologie de l'entrée sur le marché du travail*. Paris: La Documentation Française, 2001, p. 17-87. (Citado por Pereira, 2004).

SALAVERRÍA, Ramón. *“Com o 11 de setembro, a Informação da Internet chegou à maioridade”*. Entrevista feita por João Rocha em 12 de maio de 2003. Disponível em: < www.unav.es/fcom/guia/imagen/noticias/entrevista_publico12052003.htm> Acesso em: 25 mar. 2004.

SEMIR, Vladimir. *Scientific journalism: Problems and perspectives*. Internatl. Microbiol. v. 3, p. 125-128, 2000. Disponível em: <www.im.microbios.org>. Acesso em: 07 set.2005.

SINDICATO dos jornalistas de Santa Catarina. Disponível em: <www.sjcs.org.br>. Acesso em: 25 mar.2005.

TEIXEIRA, Carlos Antonio. Divulgação científica e confiabilidade. *Vox Scientae*. São Paulo, ECA/USP. Ano 2, n. 21, 2004. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br>> Acesso em: 28 de set. 2004

THOMPSON, John. Jornalismo, imagem e tecnologias da informação. *Comun. Inf.* Goiânia, v.2, n.1, p.9-10, jan./jun. 1999.